# Je suis Charlie? - 10/01/2015

O assassinato dos jornalistas franceses toma conta da midia e do debate,  
tamanho foi o impacto causado (conforme Leonardo Boff, a estrategia do  
terrorismo e essa de dominar mentes). O exito dos matadores pode ser visto em  
videos e fotos: sinal de um tempo em que o filme e ao vivo, mas quem morre nao  
e o personagem. Ou e? Teriam os humoristas se tornado refens do seu trabalho?  
De fato, as revistas ficaram sujas de sangue...  
  
Muitas das analises que circulam pela midia nao dao conta de uma tomada de  
posiçao: prega-se a liberdade de expressao, mas com cautela. Contudo, para os  
cartunistas, esse paradoxo nao existia: era liberdade radical. Era guerra. E o  
inimigo a ser morto e um morto muito vivo: o profeta Maome (nesse caso, pois  
nada se poupava no humor praticado por eles). Se as imagens e os simbolos sao  
poderosos na religiao, nao menos eram os desenhos destemidos que visavam  
desconstruir aquele imaginario.  
  
La, na França, Sartre formulou uma liberdade responsavel que termina quando  
começa a do outro. Mas Charlie prefere a liberdade extrema que foi abalada por  
extremistas. Nem muito ao ceu, nem muito a terra, para nos, simples mortais.  
Para Charlie, sua luta nao foi em vao: descobre o veu de uma falsa  
globalizaçao, de um ocidente que nao reina e teme.  
  
De nossa parte, entendemos que a liberdade de informaçao e fundamental.  
Informaçao para escolher, decidir de que lado estamos. Sem informaçao ficamos  
a merce de meias coisas, meias verdades. A liberdade de opiniao e primordial  
para que cada um coloque suas ideias e fale abertamente sobre o que bem  
entender. Mas a contradiçao do humor incomoda... É para rir ou para chorar?  
Ate que ponto deve chegar um tipo de humor que agride e desafia crenças e  
verdades individuais?